Como quem não quer a coisa, o governo de Portugal vai dando cabo disto tudo. A desgraça galopante está expressa em todos os números e em todas as histórias do percurso de há dois anos para cá, sem excepção. E a conclusão das avaliações da troika, a que faz manchete e goza com a cara de cada um de nós a quem o dinheiro tirado vai directamente para os bancos via estado é: “estamos no bom caminho”. Ingénuos? Charlatões? O Vítor Louçã Rabaça Gaspar faz-se de despercebido, usando uma consciência de ferro perante a desgraça dos números. Mas a concepção quase geral da juventude até aos 40 anos, para se poder justificar a instabilidade cada vez mais prolongada, e a visão já comum de adultos de 45 ou 50 anos com família que perderam uma carreira especializada e têm de emigrar para fazer o que não gostam a troco de trocos em Inglaterra ou em França, são retratos desesperantes e revoltantes. E sabemos que nos pode acontecer a nós; já ninguém está a salvo da predação cega resultante da incompetência de alguns governantes, e da ideologia perversa de outros.

Adiante (ou talvez não). A falta de habilidade diplomática com que o Atlético Riachense (e não só) foi presenteado na semana passada é resultado de ingenuidade ou insensibilidade da Câmara?

Imagine o leitor que recebe uma factura da luz exorbitantemente elevada. Mesmo que desconfie que ela está errada, a indignação é enorme e enquanto não vier a retracção da entidade, fica sempre na corda bamba.

Enfim, tudo pelas finanças. Foi mais um episódio dos malabarismos que a Câmara vai fazendo para manter a Turrisespaços em funcionamento. Como não tem receitas próprias (um dos absurdos da invenção das ”empresas municipais”; como é que uma empresa cuja actividade não prevê receitas pode ser sustentável?), cria-se uma ilusão contabilística.

Estas engenharias financeiras não têm custos para o erário público? Quando em 2011 a Câmara ofereceu o Palácio dos desportos à Turrisespaços e depois lho comprou, não teve de pagar imposto da operação?